

O PRESENTE TRABALHO DE CONCLUSÃO FOI DESCRITO NO FORMATO DE ARTIGO SEGUINDO A FORMATAÇÃO SUGERIDA DA REVISTA BIS BOLETIM DO INSTITUTO DE SAUDE SP

<http://periodicos.ses.sp.bvs.br/>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Núcleo de Educação
Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva

Cristiane Kroll Lindemayer

Orientadora: Károl Cabral Veiga

Movimentos pela cidade de Viamão-RS

Porto Alegre

2013

Cristiane Kroll Lindemayer

Orientadora: Károl Cabral Veiga

Movimentos pela cidade de Viamão-RS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação, Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde (EducaSaúde), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação em Saúde Mental Coletiva.

Porto Alegre

2013

Movimentos pela cidade de Viamão-RS

Cristiane Kroll Lindemayer^I
Károl Cabral Veiga^{II}

Viamão está na história do Estado desde o século XVIII, faz parte da região metropolitana, acolhe, apesar das dificuldades, vários grupos sociais e étnicos, foi considerada cidade-dormitório anos atrás devido o aumento populacional, gerando dificuldades de pavimentação, saneamento básico, segurança e recebe vários condomínios, os espaços fechados, onde existe um misto de incansável busca de segurança e prisão devido o medo crescente de ser assaltado. Sair do espaço protegido e se apropriar do território fazendo parte dos espaços públicos e de tudo o que é oferecido pela cidade faz parte do objetivo deste artigo. A metodologia utilizada foi a cartografia, os dados foram gerados através de conversas espontâneas que aconteceram durante as atividades do cotidiano somado a apropriação história e contemporaneidade do território, visitando lugares que preservam a história e que falam do seu povo e percebendo os processos que a cidade passou ao longo das décadas. Na finalização deste trabalho se percebe que o processo de apropriação é contínuo e satisfatório, acontece de forma mais espontânea na cidade e este contribui para melhorar as relações dentro dos espaços fechados, os condomínios.

Palavras-chave: território, cidade- dormitório, Viamão.

^ITerapeuta Ocupacional , Mestre em Bioengenharia, aluna da Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul .Terapeuta Ocupacional do Hospital Sanatório Partenon-RS . cristiane.kroll@gmail.com

Movement for the city of Viamao-RS

Viamao is in the history of the state since the eighteenth century which is part of the metropolitan area, housing, despite of the difficulties, several social and ethnic groups. The city was considered a dormitory town years ago due the population growth, creating paving, basic sanitation and safety. It also has several condominiums in enclosed spaces, where there is a mix of untiring pursuit of security and confinement, due to the growing fear of being mugged. Leaving the protected area and appropriating the spaces, making part of public spaces and all that the city offers is part of the purpose of this article. The methodology used was cartography, the data were generated through spontaneous conversations that happened during the daily activities adding the historical appropriation and contemporaneity of the territory, visiting places that preserve the history and that tell about people and noticing the processes that the city went through over the decades. In the conclusion of this work / paper / article it is noted that the appropriation process is continuous and satisfactory, happening more spontaneously in the city, helping improve the relation with the closed spaces, called condominiums.

Keywords: territory, dormitory town , Viamão.

Introdução

A concentração de pessoas nos grandes centros urbanos se dá pela busca das funções mais avançadas do capitalismo, estrutura melhorada de moradia e trabalho, mas, leva a problemas de circulação, segurança entre outros gerando estresse aos moradores. Em busca da qualidade de vida a população tem se dirigido à região metropolitana para residir onde é possível morar melhor, aumentando o trajeto até seu trabalho localizado em outro município. Este movimento coletivo de migração leva a modificações na cidade escolhida para residir e condutas diferentes nos moradores que migram, sendo que alguns adotam a nova cidade utilizando seus diversos espaços e outros a utilizam apenas para dormir.

Em julho de 2007 me mudei com a minha família para a cidade de Viamão que fica a 30 km do centro da capital, Porto Alegre. Em tamanho territorial é a maior cidade da região metropolitana e com o menor índice de densidade demográfica.⁶ Desde a infância eu já atravessava o município para ir à praia de Cidreira, mas sem contato ou conhecimento com a população, história ou o espaço físico. Escolhemos um condomínio residencial antigo no município e logo que chegamos fomos à busca do que é oferecido pelos espaços públicos e privados para satisfazermos as nossas necessidades básicas, de trabalho, estudo e de lazer. Até início de 2008 eu trabalhava na capital, mas já ocupávamos a cidade de diferentes formas, inclusive procurando no comércio o que necessitávamos antes de buscar na capital. Em agosto de 2008 conheço um novo espaço da cidade, o do trabalho em órgão público, integro a rede de saúde mental do município em um Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS)^{III}.

A ideia de ter uma maior apropriação do território habitado surgiu durante a oficina terapêutica “Terra é Vida” realizada no CAPS II Casa Azul, durante os anos de 2009 a 2011 e coordenada por mim. A oficina mantida por um grupo de usuários decidiu cuidar de uma praça, pequeníssimo triangulo em uma encruzilhada no bairro Viamópolis. Foram tantas idas e vindas durante os três anos e debates sobre o que fazer com o lixo seco e os trabalhos de religião afrodescendentes que comecei a me perguntar que cidade era esta que escolhi para residir. Outras inquietações surgiram como: o lixo existente pelo trajeto que eu percorria a pé, a inexistência de asfalto em avenidas, os buracos nas calçadas, a dúvida sobre uma possível passividade da cidade, os cavalos transitando como meio de locomoção para os moradores, tudo isto começou a mexer comigo. Estas dificuldades da cidade percebidas por mim eram reforçadas nas falas dos vizinhos dentro do condomínio sugerindo que pouco se poderia aproveitar da cidade escolhida para morar. Estas situações me chamaram a atenção e me impulsionaram a fazer movimentos pelo município em busca de respostas.

Viamão é uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre com 239 mil habitantes e com jeito de interior. Apresenta uma mistura de cavalos, gaúchos a caráter com condomínios luxuosos e carros importados no seu cotidiano. A cidade está na história do Rio Grande do Sul desde 1700, colonizada por índios, tropeiros, portugueses

III CAPS: serviço substitutivo ao manicômio e componente da rede de atenção psicossocial, atende usuários com transtornos mentais severos e persistentes. Portaria GM/MS n.º 336, de 19 de fevereiro de 2002.

e negros, foi fundada em 1741, se fez presente na Guerra dos Farrapos, foi estação de veraneio nos anos de 1920 a 1930 e nos anos 1970 recebeu um grande número de moradores novos aumentando demasiadamente sua população. O aumento populacional contribuiu para a denominação de cidade dormitório,

exemplificada pela expansão metropolitana nos estudos urbanos brasileiros, sobretudo após 1970, como áreas residenciais com elevada proporção de pessoas que realizam suas atividades cotidianas (trabalho, estudo ou lazer) em outra cidade, geralmente na sede metropolitana, originando os fluxos de deslocamento pendular.(Ojima, 2010, pag.396)

Com o rápido aumento da demanda populacional a cidade ficou precária em vários setores como: segurança, saúde, asfalto, abastecimento de água e luz, saneamento básico e lazer. Esta discussão torna-se ainda mais instigante por ser um tema que faz parte da vida cotidiana contemporânea e que interfere na realidade de muitas pessoas, tanto as que realizam a mudança como as que moram nas cidades denominadas cidade dormitório. A ocupação destas se dá pelos condomínios residenciais valorizados e que se tornam objetos de grandes investimentos urbanísticos e por outras áreas que são corroídas pela degradação e tornam-se marginais. Quem possui recursos econômicos tenta se defender criando verdadeiros enclaves, isto é, territórios encerrados dentro de outro território, nos quais a proteção é garantida por empresas privadas de segurança, ou transferindo-se para áreas mais tranquilas e nobres. Aqueles que não possuem tais recursos são forçados, ao contrário, a suportar as consequências negativas das mudanças. Gerando um crescente e difuso sentimento de medo.

Dentro do condomínio encontra-se a tranquilidade e a qualidade de vida esperada pelos moradores que vêm da capital, possui segurança, asfalto, lazer, vastas áreas verdes, água e luz. Ao circular por dentro do condomínio tem-se uma percepção visual e culturalmente muito diferente do que quando se circula pela cidade, isto traz uma sensação de se viver em um tipo de Oasis, isto é, como um espaço central maravilhoso circundado por um espaço que pouco tem a oferecer, é como se o condomínio não pertencesse à cidade. Esta sensação de pertencimento ao condomínio ou à cidade como um todo está presente na vida dos moradores do condomínio. Até então eu percebia estes dois caminhos, a dos moradores do município de Viamão com sua história e a da maioria dos moradores do condomínio com as reclamações sobre as dificuldades da cidade nas suas necessidades básicas, mas percebo um terceiro caminho o de sair do condomínio e se apropriar deste território conhecendo e respeitando sua cultura, sua história, seu povo e seu crescimento e, é este o caminho que irei descrever neste artigo. A realização de uma especialização em saúde mental e educação coletiva me instigaram a fazer esta caminhada já iniciada nas primeiras aulas conduzindo a um trabalho de vivenciar a cidade.

Este artigo tem como objetivo a apropriação do território, de sua história e contemporaneidade escutando as pessoas que moram no município, visitando lugares que preservam a história e que falam do seu povo e percebendo os processos que a cidade passou ao longo das décadas, assim reconstruir o sentimento pela cidade.

Metodologia

Este artigo descreve um trabalho qualitativo que utilizou como metodologia a cartografia. A cartografia como método de pesquisa é o traçado do plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados.¹³

O trabalho deu-se em Viamão, região metropolitana e em Porto Alegre, a capital, através de conversas espontâneas que aconteceram durante as atividades do cotidiano, em encontros casuais, as pistas geradas nos encontros conduziram ao (re)conhecimento dos pontos turísticos, movimentos históricos, biblioteca e à lugares ou pessoas que contribuíram com os objetivos do presente trabalho. Foi traçado um mapa da cidade com o percurso destes encontros, falas e pontos auxiliando na conjunção das informações, este mapa desenhado a mão livre foi baseado em dois mapas oficiais. O movimento das pistas e do percurso auxiliou a construir um conhecimento pelo território de forma ampla visualizando contemplar os objetivos traçados. O movimento pela cidade foi acompanhado de um diário de campo. A posição da pesquisadora foi de escuta, na maioria das vezes, em outros houve uma conversa onde a intenção foi de perceber qual a opinião sobre a cidade.

Quanto aos aspectos éticos do trabalho foram preservados os nomes das pessoas conhecidas trocando por pseudônimos de árvores e plantas da região. Participaram deste trabalho moradores de Viamão, adultos, de ambos os sexos, pessoas nascidas no município ou que vieram morar nele por algum motivo. Pessoas conhecidas, de encontros diários, e outras desconhecidas como a conversa na parada de ônibus aguardando-o.

Resultados e Discussões

*A minha alma
Tá armada e apontada
Para cara do sossego
Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!
Pois paz sem voz
Paz sem voz
Não é paz é medo
Medo! Medo! Medo! Medo!...*

*“Minha Alma (A paz que eu não quero)”
Composição: Marcelo Yuka, Xandão,
Marcelo Falcão, Marcelo Lobato e Lauro Farias
Interprete: Maria Rita*

O processo de apropriação do território é dinâmico e intenso, acontece no dia-a-dia, e foi desenvolvido neste trabalho com o conceito de território-processo, isto é,

o território como espaço socioeconômico e político de articulação entre os diferentes sujeitos em busca de suas necessidades e interesses. Também é um espaço técnico-científico de produção e difusão de saberes, bem como a produção de cultura e valores. É nesta organização que há compreensão das redes de solidariedade e dos poderes locais para que se estabeleçam alianças e conflitos fortalecendo assim apropriação para a busca das alternativas. (Almeida e Oliver,2001,pag.88)

Foi despertada a vontade de explorar e conhecer o território que habito nos últimos cinco anos e que provavelmente ainda permanecerei por um longo tempo. Neste último ano onde houve uma atenção maior as conversas informais, visualização de materiais na internet, livros e de lugares na cidade deu-se um processo de movimento interno e conseqüentemente externo surgindo novas ações. Este processo de feedback com o meio, acontecendo no cotidiano foi transformador, o objetivo maior do trabalho foi alcançado, a partir daí deu-se um novo momento, o de interação e integração ao território.

Quem constrói a história de uma cidade são as pessoas que nela vivem, e, ao contrário do que possa parecer, suas potencialidades vão além do horizonte aparente ou do discurso oficial. Entender a participação de Viamão na formação do Estado é entender o nosso dia-a-dia. A praça, a igreja, a prefeitura, o posto de saúde, a escola, a parada, o ônibus...São situações definidas por um contexto histórico concreto da religiosidade, do latifúndio, da qualidade ambiental, da proteção e valorização da terra. (Barros, 2008, pag.144/145)

A história e o cotidiano da cidade de Viamão estavam presentes nas falas e nos encontros e foram contemplados no mapa desenhado por mim, assim como os percursos feitos pela minha família, principalmente do meu avô como contador, desde 1940 e por mim junto à família desde 1968, ano em que nasci, percebe-se que percorrer um município não significa se apropriar dele. Apenas em 2007, ano em que vim morar em Viamão, realmente me ocupo de conhecer/interagir, questionar/sugerir, visitar espaços de lazer ou históricos, buscar informações, em fim atitudes de reconhecimento deste vasto território de terras, de cultura, de conhecimento e de diversidades. Percebo que me apropriar de Viamão é também me apropriar da minha história familiar.

A Cidade de Viamão, história e suas mudanças.

*Tenho quatorze cavalos todos ganhos de presente
Velhacos por natureza que já tem matado gente
Eu com essa cavahada minhas trovas e campereada
Levo o Rio Grande pra frente...0
Trova Rodeio de Gildo de Freitas
De Gildo de Freitas*

Viamão, município da região metropolitana de Porto Alegre, com área urbana e rural, possui 239.234 habitantes, segundo o censo de 2010⁶, grande maioria concentrada na região urbana da cidade, menor extensão do município. Características da população em sua maioria são: alfabetizados, idade entre 30 a 39 anos, empregados em regime CLT e salários de ½ a 2 salários mínimos e católicos⁶. A cidade tem crescido nas últimas décadas, mas mantém características descritas nas letras do trovador Gildo de

Freitas, porto-alegrense que nos anos 70 atingiu o auge de sua carreira, veio morar e constituiu uma churrascaria na cidade¹¹, foi adotado por esta como um dos representantes da cultura viamonense.

...” Viamão era diferente, tinham vários rodeios, era o segundo do Estado em rodeios, a cidade era mais valorizada há décadas atrás”. (Pinus)

Os Campos de Viamão estão na história do Rio Grande do Sul antes de 1700 quando Portugal e Espanha disputavam as terras dos pampas ocupadas pelos ancestrais indígenas Guaranis, Minuanos e Charruas³. A presença e domínio desta população na região está descrita no trabalho da autora Passos

a porção centro-leste apresenta inúmeros vestígios de ocupação por grupos associados à tradição Guarani, os quais foram evidenciados através dos registros de diversos sítios na região, especialmente junto aos recursos d'água, como entorno do Lago Guaíba, por exemplo. Pesquisas realizadas em alguns desses sítios, levantaram datações que alcançam até 600 anos antes do presente, século XXI. (Passos, 2011, pag.41)

A ocupação do território pelos ancestrais indígenas e após por estancieiros e tropeiros se deu pela vasta vegetação e campos, pelas proximidades com o litoral e a entrada no continente pela Lagoa dos Patos. Os tropeiros e estancieiros circulavam nos campos entre Laguna-SC/Sorocaba-SP e os pampas da Colônia de Santíssimo Sacramento – Uruguay, passando pelo município. Trouxeram contribuições para o movimento nativista que a cidade mantém, assim como em conjunto com demais povos e etnias colaboraram para o gosto pela terra, plantas e animais, identidade que permanece no cotidiano do município.

Na disputa de terras a cidade teve sua fundação oficial em 14 de setembro de 1741 e deu-se pela ocupação soberana portuguesa, açoriana. A origem do nome Viamão é muito controversa. Uma das versões é a de que, a certa altura do Rio Guaíba, pode-se avistar cinco afluentes (rios Jacuí, Caí, Gravataí, Taquari e dos Sinos), que formam uma mão espalmada. Daí a frase: Vi a mão. Conforme alguns levantamentos seria originário do nome Ibiamon, que significa Terras de Ibias (pássaros). Outros afirmam que seria uma passagem entre montes, o que chamavam de via-monte. E existe ainda o relato de que teria como origem o antigo nome da província de Guimarães, em Portugal: Viamara.¹⁵ A cidade nasceu como vila ao redor da capela de Nossa Senhora da Conceição que ficava no alto de um morro. Nesta capela foi construída a Igreja Matriz em estilo barroco, entre os anos de 1766 e 1770³. Até hoje esta igreja é o principal cartão postal da cidade, abriga história, luta, contos nas suas paredes de 1 metro e meio de largura. É a segunda igreja mais antiga do Estado e Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 1935. Sua importância para a cidade está refletida no cotidiano desta:

“...moro há 30 anos em Viamão... antes não era possível fazer construções mais altas que a Igreja Matriz (centro) e isto era determinado por dois fazendeiros, os donos da cidade”. “Hoje é

diferente, olha como tem edifícios, o edifício do fórum, bonito, é mais alto que a igreja”. (Cisqueiro)

A forte presença do negro desde a colonização, inicialmente escravizado para trabalhar na lida do campo, até a atualidade remete a contribuições nas diversas formas de organização do município. Em 1751 a população era de 45% de negros, o restante de brancos e índios³. Falar sobre os negros é falar sobre cores, música e religiosidade em sua raiz, pois no dia-a-dia os brancos estão presentes tanto na música como na religião, os trabalhos da religião afrodescendente aparecem em diversos pontos do município e timidamente dentro do condomínio. Nas religiões afro-brasileiras “Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, corresponde a Oxum, “*dona da água-doce, ouro, riqueza, amor e vida*”. ^{3(pag.187)} Os negros escravos disfarçavam algumas manifestações religiosas com o manto do entretenimento como forma de driblar as restrições impostas aos cultos não católicos. ³ Desde o tempo da escravatura o município possui duas comunidades quilombolas oficialmente, Cantão das Lombas e Peixoto dos Botinhas, localizadas na região nordeste do município¹⁸. Junto aos negros e a umbanda aparecem os ciganos, os quais ainda permanecem no município.

...outros importantes personagens divulgadores da umbanda neste Estado foram Norberto de Oliveira, que a introduziu no município de Viamão... outrora era também cultuada a "linha", ou "povo do oriente", hoje quase em extinção. Segundo a representação dos umbandistas, tratavam-se de entidades bondosas, bastante evoluídas e que transmitiam vibrações puras. Seus médiuns, incorporados, adotavam a postura corporal e os gestos dos povos do Oriente: chineses, indianos, árabes e ciganos. Hoje o "povo cigano" foi transformado em Linha de Exu. Quanto aos guias orientais, manifestam-se em poucas casas que trabalham com o que denominam de Junta Médica.(Oro, 2002,pag.09)

.... “os negros estão no RGS em maior concentração atual e histórica nas cidades de Viamão, Alvorada e Rio Grande.” (Figueira).

...“ os ciganos também estão na história do município...
“...a umbanda está em Viamão há mais de 100 anos e é muito forte por aqui, veio com os escravos”. “...até 1960 não se passava no Passo dos Negros onde fica o quilombo...”(Terra)

As relações entre as diversas raças e etnias que ocupavam o território antes da colonização, que colonizaram o município e que aqui permanecem contribuíram para a formação do povo quanto sua cultura, costumes e cotidiano, arquitetura da cidade, convivência e relações de poder que se estabeleceram e que são contadas nas falas da população até hoje. Para o historiador Souza³,

...é necessário alçar luz nos pontos obscuros do nosso conhecimento sobre o passado e nas falhas de nossa consciência sobre o presente, o que exige analisar preconceitos raciais, étnicos e de classes arraigados na estrutura de nossas instituições,...na história de Viamão, a maior parte dos protagonistas é, ainda, desconhecida, como o caso dos ocupantes originários da região, os índios, o dos negros escravos, o dos trabalhadores braçais cujas vozes foram silenciadas e origens culturais menosprezadas na construção da sociedade atual,... a vaidade luso-brasileira enaltece a chegada e a circulação dos primeiros portugueses. (Souza, 2008, pag. 143)

...aqui em Viamão ,quem comanda a cidade é uma oligarquia formada por pequenos grupo de pessoas poderosas...(Desconhecido).

...“Viamão se divide em três: Viamão rural, os nativistas,

Viamão do centro onde moram as famílias que comandam a cidade, filhos dos coronéis das estâncias de arroz e gado, e as 190 vilas de Viamão que ficam do centro para Porto Alegre”.(Figueira)

... quando o pessoal da zona rural descia no centro eram chamados de os grossos.(Terra),

Entre 1763 e 1773 Viamão foi sede do governo de Rio Grande do São Pedro, antigo nome de nosso Estado. Nesta época e por muito tempo a cidade foi abastecida por fontes naturais de água, vivia economicamente da agricultura, criação de gado e cultivo da carne seca. No século XIX chegaram colonizadores de outras etnias. Entre 1835 e 1845 foi um dos palcos da Guerra dos Farrapos, as torres da igreja foram utilizadas como esconderijo e serviam para acompanhar movimentos do inimigo ao longe, há vários locais da cidade com monumentos apontando trincheiras e locais de lutas. Atualmente, a igreja ainda encontra-se em posição estratégica podendo ser avistada de vários pontos da cidade e até das estradas que circundam o centro da cidade, isto provavelmente por se ter pouquíssimas construções maiores que a igreja. Entre 1836 e 1860 houve a construção do Farol de Itapuã, na beira da Lagoa dos Patos, local por onde chegavam os colonizadores. A partir de 1880 Viamão passou a ter autonomia e a administrar seus impostos.

...os ciganos foram dizimados junto com os negros na Guerra dos Farrapos, eram a linha de frente da batalha”. (Terra).

No início do século XX (1920/1930) Viamão era considerado estação de veraneio pela proximidade do litoral recebendo a brisa marítima, pela vasta vegetação, clima temperado e pela tranquilidade do município gerando qualidade de vida.

“ Meu pai veio para Viamão há 48 anos, pois o médico disse: quer viver, vai para Viamão”!(Desconhecido)

A cidade tinha um teatro e dois cinemas, seus campos tinham produção de mandioca, milho, arroz e criação de gado, sua população era em torno de 30 mil habitantes, foram anos de desenvolvimento econômico na região. Em 1912 é fundado o primeiro jornal, Correio Rural¹⁹. Em 1914 começa a funcionar a primeira escola estadual de ensino médio, o Grupo Escolar Setembrina, nome presente na história da cidade no século XVIII, em 1940 recebeu a visita do então presidente da república Getúlio Vargas. Descobri um pouco de sua história participando do aniversário de 98 anos, realizado em 2012 e com a participação de toda a comunidade escolar.

“...tem se registros da escola a partir de 1914, temos uma comissão de professores que buscam esta história. A escola tem um porão onde havia lavanderia e sabe-se que a ela funcionava como alojamento para crianças com deficiência física. Mas não se sabe sobre os objetivos da escola no seu início”. (Eucalipto)

Após 1960 inicia-se um período de declínio econômico. O Estado escolhe a cidade para receber algumas instituições onde se buscava o isolamento e tratamento para doenças, em 1940 foi fundado o Hospital Colônia Itapuã moradia de pessoas com hanseníase, mais adiante dividiram o espaço com a colônia de pacientes crônicos do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Ao lado deles, na década de 70, cresce uma colônia de japoneses. Nos anos de 1980 a cidade não foi contemplada com o metrô de superfície da região metropolitana. A infraestrutura básica da cidade como água e luz só existiam em alguns pontos, o esgoto cloacal era feito por fossa e atualmente ainda é na sua maioria contribuindo para a degradação de uma de suas riquezas da época da fundação da cidade, as nascentes. A pavimentação era precária na época e atualmente, permanece nas vias centrais e de acesso aos bairros.

“ aqui no local do prédio da secretaria da saúde era um grande acampamento cigano e os ciganos cultivam a saúde, na 44 até os anos de 1970 não tinha água nem luz, era a lampião a gás”.(Terra)

Nos anos 70 tinha-se um número grande de açougues no comércio central e pouquíssimas farmácias, estas cresceram nos anos seguintes e hoje se tem mais de 15 farmácias só no centro da cidade (em quatro quadras). A rede de escolas municipais contemplam escolas rurais e urbanas, o ensino médio concentra-se nas escolas estaduais que estão presentes no município, se tem quatro escolas particulares, uma escola técnica (rural) e uma de ensino superior. Não se tem livrarias, poucas lojas de artesanato e de discos, pouquíssimas praças e muitas agropecuárias. Estas oriundas da história da cidade, onde se encontra a Escola Técnica Agrícola (ETA) com 100 anos de existência. Este contexto estancieiro influenciou o lazer onde os rodeios estiveram e estão presentes, assim como as festas religiosas, Festa do Arroz com Leite, Festa da Tainha em Itapuã, encontros ciganos e o Festival de Música dos anos 70 que foi resgatado no ano 2012.

Os índios mbyá –guaranis e kaigangs ainda permanecem no município, em assentamento perto da região urbana, circulam pelo centro da cidade vendendo artesanatos e plantas, sentados no chão. Também vendem artesanato na porta dos restaurantes ao longo da estrada para a praia, onde eu tive a oportunidade de conviver em alguns momentos, estão bem vestidos e organizados, auxiliam os clientes que chegam, pedem uma “moedinha” e conversam. A sua contribuição para com o território está na valorização à terra, as plantas, as figueiras, estas estão presentes na paisagem da cidade, urbana e rural, são centenárias. Contribuíram e contribuem para o lazer do município. Este conta com dois parques estaduais, do Saint- Hilarie de 1947 e de Itapuã de 1973, este é considerado a última reserva de ecossistema da região metropolitana. Os parques são enormes espaços de lazer, o Saint-Hilarie, mais central é visitado apenas na sua entrada devido a roubos e assaltos; Itapuã, marca o encontro do Rio Guaíba com a Lagoa dos Patos, está mais longe, é reservado e seguro. A cidade ainda abriga um lago,

o Lago Tarumã na região central, atualmente com aspecto de abandono, e o Autódromo Internacional de Tarumã.

...lazer é zero, não tem. Para Itapuã, de ônibus é demorado e de carro a estrada é ruim, as praças, são poucas e pouco atrativas estão perdendo espaço para as lan house. As praças são para os adolescentes namorarem. (Corticeira da Serra)

“Ninguém gosta de Viamão, não tem o que fazer aqui”, só Itapuã que é bom. ...me dizem isto na escola, aqui no condomínio, no escoteiro, todos”.(Bromélia)

Entre os anos de 1970 e 1980 dobrou o número de habitantes para 67 mil pessoas, época que se começa a denominar a cidade de “cidade dormitório”. A noção de cidade-dormitório ficou associada aos processos de marginalização e periferação da pobreza nos contextos de expansão metropolitana nos estudos urbanos brasileiros, sobretudo após 1970¹¹. Em 2011 chegou-se perto de 240 mil pessoas. O crescimento desordenado da cidade pelo aumento populacional, sem planejamento urbano, contribuíram para as dificuldades, a maioria da população que chegou ocupou a divisa de município com a capital. A parte urbana da cidade cresceu como um rizoma, isto é,

...uma rede, assimétrica, heterogênea, visto que as conexões se fazem por acaso, na desordem. Não há pontos fixos, mas sim “linhas de fuga” ou de “desterritorialização”. O movimento é de multiplicidade, sem se preocupar com as origens. Multiplicando suas conexões num movimento perpétuo, o rizoma está sempre prestes a se constituir e, portanto, a se reconstituir depois das rupturas. (Jacques, 2003, pag.132)

As vilas na periferia crescem desordenadas, seus moradores assim como muitos moradores do condomínio, contribuem pouco com o cotidiano da cidade escolhida. Viamão tem uma mobilidade populacional característica de regiões metropolitanas: parte importante da população residente trabalha e/ou estuda em outros municípios¹⁰.

...“ eu só fico em Viamão para dormir, não conheço nada, trabalho em Porto Alegre e nos finais de semana vou para Porto Alegre, é onde estão os amigos”.(Canela Preta)

“...os moradores que chegam às vilas tem a cidade como dormitório...estes passam de geração em geração e não se apegam a cidade”. (Figueira)

O aumento populacional contribuindo para as dificuldades do município já descritas anteriormente no texto e a pouca apropriação de uma parcela da população pelo seu território aparecem em várias falas descritas abaixo:

“...Viamão está deixando a desejar devido a atuação dos políticos.”(Pinus)

“... tá faltando água seguido, será que melhora

com o novo prefeito?....” (Butiazeiro)

“...hoje a gente tem mais lojas, mas Viamão tem que ter um hospital melhor”.(Goiabeira)

“...tu procuras algo aqui, mas não acha”. (Figueira)

Percebe-se nas falas um imaginário coletivo preconceituoso com a cidade e conseqüentemente com seus moradores, possivelmente consequência do baixo desenvolvimento da cidade e das características de cidade-dormitório e rural. Ojima (2010) em seu texto sobre cidade-dormitório reflete sobre a questão do estigma causado por esta situação mesmo que a cidade já tenha se modificado, como o caso de ditados populares pejorativos que eu já escutava antes mesmo que vir morar em Viamão e que estão presente na fala coletiva.

...o estigma, permanece cristalizado no imaginário e na política urbana. O estigma que uma cidade recebe é uma iniquidade social que marca o espaço e a paisagem da cidade, somando-se a outras formas de exclusão e segregação no espaço regional e dificultando a análise crítica dos processos socioespaciais contemporâneos. (Ojima, 2010, pag.397)

“ fizeram a parada curta, a gente se molha em dia de chuva, eu vou chegar molhada no trabalho, irão perguntar o que aconteceu, isto é Viamão”!(Desconhecido)

“ Pegou o Viamão e quer sentar na janela?, “o Viamão” quando se atravessa na conversa. ...esses ditados populares tem origem no povo espanhol e nos ciganos que se metem nas conversas e não deixam por menos se for preciso puxam até peixeira”. (Terra)

Por outro lado aparecem em algumas falas, muitas vezes das mesmas pessoas que falam das dificuldades, estas não são moradoras do condomínio, que apesar das dificuldades, gostam de morar na cidade, e falam desta com esperança de melhoras e as vezes com orgulho. Nas eleições de 2012 era visível o orgulho da população para votar, este é um exemplo de apropriação do território e de participação da vida urbana, mesmo que obrigado. Bauman (2009), no seu livro Confiança e medo na cidade, escreve sobre o potencial dos espaços públicos:

É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, como alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos...trata-se, em outras palavras, de locais onde se descobrem, se aprendem e sobretudo se praticam os costumes e as maneiras de uma vida urbana satisfatória...onde é decidido o futuro da vida urbana.(Bauman,2009, pag.70)

“...não sei explicar, mas gosto de Viamão, sei das precariedades, mas a cidade tem boa energia, é acolhedora, tranquila, jeito de cidade do interior, as pessoas se conhecem, elas sabem umas das outras”.(Corticeira da Serra)

“...eu gosto de morar em Viamão, as pessoas se conhecem, um cuida da casa do outro, parece cidade do interior, calma.”(Goiabeira)

“... o povo viamonense é forte, com alta auto-estima, principalmente os nativistas, os moradores rurais, tem amor a terra igual aos ciganos”.(Terra)

Desde os anos 90 é observado uma mudança de posicionamento por parte da população de forma a participar mais dos processos de organização socioeconômica e política da cidade. As mudanças de atitude individuais ou em grupo contribuem para a cidade. Nas andanças de Porto Alegre à Viamão de ônibus conheci um trabalho da comunidade em conjunto com profissionais da saúde resgatando a história do município, desejam reconstruí-la e estão conhecendo novos e velhos espaços importantes para a cidade e conversando com pessoas que fazem parte da história da cidade. É se apropriar do território, desbravá-lo, participar, contribuir.

... “Viamão foi impedido de crescer por um acordo entre os coronéis diminuindo o rio Fiuza que chega até o rio Gravataí.” “O povo tinha os olhos fechados, só na década de 80 que o povo começa a abrir os olhos e questionar e a cidade, a crescer.”(Terra)

“...as terras eram dos padres do seminário, era uma doação, mas eles venderam, à população fez um movimento de reivindicação...” (Pinus)

“... moro em Viamão há 25 anos e quando comprei o terreno 6 anos antes de construir transferei o meu título de eleitor para cá, comecei a buscar conhecimento sobre a cidade. “ Eu preciso votar onde moro, participar das leis do município”.(Aroeira)

“... as pessoas ficaram mais exigentes, agora questionam “por que Viamão não tem tal coisa?” isto nos últimos 10 anos. Antes, não tem vamos buscar em Porto Alegre perde-se só uma hora, agora querem ter em 10 min., na cidade” (Corticeira do Banhado).

Morar em condomínio: segurança ou prisão

... As grades do condomínio
São prá trazer proteção
Mas também trazem a dúvida
Se é você que tá nessa
Prisão...

“Minha Alma (A paz que eu não quero)”
Composição:Marcelo Yuka, Xandão,
Marcelo Falcão, Marcelo Lobato e Lauro Farias
Interprete: Maria Rita

Os condomínios crescem no município de Viamão, possuem segurança e infraestrutura básica, seus moradores na maioria das vezes, não tomam conhecimento da cidade, são os “moradores dormitório”. A apropriação do território para a maioria destes

moradores é do espaço físico cercado pelo condomínio, tanto que muitas vezes fala-se que “mora-se em tal condomínio e se diz o nome dele”, em vez de dizer que mora em Viamão. O condomínio que descrevo tem história no município, é antigo e está ligado a um clube que muito animou a população nas décadas de 60, 70 e 80, também vinham porto-alegrenses para prestigiarem. Atualmente esta se reconstituindo nos espaços de lazer para atender a comunidade viamonense. O condomínio é dividido em 4 partes, onde muitas vezes a comunicação é difícil mesmo que se tenha que tratar do mesmo assunto, principalmente quando as resoluções são entre os responsáveis pelas fases, mas quando há ações movidas pelos moradores a comunicação é melhor oportunizando bons momentos. Os moradores são viamonenses e porto-alegrenses, começaram a ocupar o condomínio na década de 80. Falar da história do condomínio não faz parte do cotidiano, precisa ser estimulado. Descrevo a fala de um morador e trabalhador do centro da cidade sobre como era este espaço que atualmente possui mais de 800 casas.

“...era uma grande chácara o condomínio há mais ou menos 40 anos atrás, tinha um tambo de leite e uma enorme figueira onde as escolas traziam a criançada para fazer piquenique, eu tinha por volta de 10 anos de idade, adorava este passeio.” (Pinus)

“... o Clube era de um único dono e que este criou o condomínio em uma brincadeira...” (Desconhecido)

Tem-se a percepção de uma relação diferenciada do condomínio com a cidade, não é a cidade que “dorme”, “está parada”, mas sim, a maioria dos moradores que usam pontualmente os serviços oferecidos pelo município, outros não tem relação com a cidade e pouquíssimos tem uma relação com o movimento da cidade e tudo o que ela oferece. É a situação que se encontra também fora do condomínio, descrita nas falas, anteriormente e independe da questão socioeconômica, “*as pessoas passam de geração em geração e não se apegam a cidade*”. Será o medo de circular pela cidade (?), falta de valorização desta (?) ou é o preconceito com a cidade (?). O autor Bauman (2009) auxilia a refletir quando descreve a relação do medo e da insegurança nas relações contemporâneas,

“relata que a insegurança alimenta o medo e assim estão destinadas a desaparecer das ruas da cidade a espontaneidade, a flexibilidade, a capacidade de surpreender e a oferta de aventura, em suma, todos os atrativos da vida urbana... a insegurança moderna é o medo dos crimes e dos criminosos, suspeitamos dos outros e de suas intenções nos recusamos a confiar na constância e na regularidade da solidariedade humana. É o individualismo humano, o dever de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo” (Bauman por Castel,2009, pag. 16).

“tudo está perigoso e perdemos de auxiliar uns aos outros”
(Desconhecido)

Este em um primeiro momento sugere ser o sentimento dos moradores de dentro do condomínio para com os vizinhos e para com a comunidade viamonenses, mesmo moradores que já habitam há mais de dez anos no *espaço fechado* do condomínio, isto é, cercado e vigiado. Parece que fica uma “plástica” de não quero incomodar o outro. E

ai se estabelece algo a ser desbravado entre os sentimentos e as vivências na cidade, pois moradores antigos de fora do condomínio expressam à sensação sobre a cidade de Viamão de um lugar como cidade acolhedora, antiga, onde todos se conhecem e se auxiliam, agradável de morar, apesar das dificuldades. Com as inúmeras conversas e escutas de dentro do condomínio, uma fala está de acordo com os moradores do *espaço aberto*, da cidade, é das dificuldades que a cidade apresenta e que vieram morar aqui só por causa do condomínio, sua estrutura.

...“aqui é maravilhoso...”.(Desconhecido)

“...muitas coisas deixam a desejar aqui, assim como na cidade... as pessoas não se responsabilizam pelo seu lixo...”(Desconhecido)

Uma fala se diferencia e parece que o tempo auxiliou a construí-la.

“...aprendi a gostar de Viamão, faço tudo aqui, se quero alguma coisa em especial vou à Porto Alegre, mas faço o banco, supermercado, tudo aqui. Moro há quinze anos no condomínio”. (Capororocão)

O imaginário coletivo do preconceito também aparece refletido dentro do condomínio e está presente para com a cidade e seus moradores, isto fica visível quando se organiza eventos sociais dentro do *espaço fechado* condomínio. Os eventos são espaços riquíssimos que contribuem para fomentar a rede de contatos, trocas e interações. No último bazar de 2012 aberto a participação da comunidade viamonense eu tive a oportunidade de participar e conhecer pessoas que enriqueceram este trabalho.

“...vai ter bazar, mas se convidarem aquela gentália toda vou pensar se vou participar...”(Desconhecido)

“...tu sabes de pessoas da área artística?...mas só para moradores do condomínio...”(Desconhecido)

No livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, Bauman (2003) nos conduz a reflexão de viver em comunidade, as facilidades e dificuldades, fala da segurança proporcionada pelos vizinhos e da falta de liberdade proporcionada pelos mesmos, é difícil de fugir ao dilema.

É o processo de construção das relações entre os vizinhos e a cidade, quanto maior a rotatividade entre os moradores mais dificuldades e quanto mais tempo se passa, mais se afinam as relações. Comunidade, desejo da maioria pela segurança e confiança, possui memória e identidade construída na sua história, mas em paradoxo com os moradores que chegam à cidade, pois não está a disposição no mundo rapidamente privatizado e individualizado, que se globalizam velozmente destes moradores. (Bauman, 2003, pag. 16)

Em determinados momentos é possível se sentir preso dentro do condomínio com as câmeras digitais e segurança motorizada, que a princípio servem para flagrar se algo inesperado e negativo acontece na ordem do coletivo, mas existem as “câmeras oculares” que cuidam os movimentos, condutas, posturas e falas de cada um e da família. Esta vigilância faz parte da pressão social pelos bons costumes e a ordem, mas pouco é percebido a perda de liberdade que os moradores sofrem nestas “ilhas maravilhosas”. Bauman⁵ chama de “ilhas de uniformidade”, estas acabam se transformando no maior obstáculo para viver com a diferença e enfraquecem os diálogos e os pactos.

“...na última reunião de condomínio em que fui não sabia se sentava ao lado do fulano que era contra o síndico ou do ciclano que era a favor, resolvi sentar ao lado de um desconhecido, depois vão dizer que estou puxando o saco daquele ou tenho a mesma opinião ou da pessoa ao meu lado”. No final da reunião um vizinho próximo me disse: “Bah tu sabes que aquela pessoa do teu lado é o que colocou vários ... no condomínio?”. (Pitangueira)
“..escolheu a pior pessoa para sentar ao lado”! (Angiquinho)

Já o autor Carlos Fortuna (2009) em *Cidade e Urbanidade*, descreve situações típicas da região metropolitana que se percebe no município em questão e no condomínio, são as “periferias residenciais”. Essas formas novas na cidade revelam ainda reconfigurações urbanas que não se compaginam com a morfologia e a arquitetura ou o sentido político e social típico-ideal da cidade.⁷ É uma cidade dentro de outra. Fica a pergunta como será que seus moradores veem as “periferias residenciais”, esta modernização que chega que atravessa a cultura gaúcha deste município.

Percebo que há vários movimentos das pessoas, de um ano para cá valores coletivos foram se agregando levando a parcerias, mas ficando claro que se estabelecem entre algumas pessoas e dentro deste espaço físico fechado. A participação dos moradores do condomínio em grupos na comunidade auxilia a proliferar as informações e opinião positivas sobre a cidade, é a participação nos espaços públicos absorvendo todo o seu contexto. Estas ações refletem no condomínio de forma positiva quando estes moradores se reúnem em situações coletivas trazendo a cidade e sua comunidade para dentro do condomínio. Este movimento cíclico e de feedback, de apropriação dos espaços públicos, contribuem positivamente para melhorar as relações interpessoais dos vizinhos, ligando partes independentes do condomínio apresentado. Os autores Silva e Ceccim (2008) descrevem estas redes de contatos que se formam como

“... que em grupos organizados de bairros, escolas, podem surgir cidades dentro da cidade. Outras cidades, lugares feitos de pessoas, suas histórias de dor e sofrimento, suas histórias de resistência e solidariedade, sua pressão sobre a cidade “das instituições” e uma educação da cidade, auto-organização de pessoas e grupos para forjar lugares de existência ou resistir às serializações urbanas; composição de coletivos, ora determinados desde a cidade, ora linhas de enlace social em cidades sem geografia, redes de contatos, redes de afetos, redes de invenção de *cidades de proteção, suporte e inclusão*. (Silva e Ceccim, 2008, pag.02)

Estas micro redes surgem dentro do condomínio durante os eventos e ações realizadas pelos moradores ou através das amizades das crianças e adolescentes e se

interligam levando a novas interfaces quando vizinhos se agregam, as emoções estão presentes nesta rede e ora contribuem positivamente ora negativamente.

Considerações Finais

Viamão é três vezes maior em extensão territorial que a capital do Estado, está em crescimento visível, acolhe, apesar das dificuldades, vários grupos sociais e étnicos, a gestão pública que iniciou em 2013 rompeu com a gestão pública de igual partido político que se mantinha há 16 anos. A esperança por melhoras nas necessidades básicas é observada dentro e fora do condomínio. Viamão estava na minha família desde a década de 1940, na figura do meu avô materno que trabalhava como contador e tinha clientes na zona rural, estava na minha infância e adolescência, mas, não havia importância para estes fatos, não havia interação comigo. É maravilhoso saber da história da cidade pela fala dos próprios moradores, muito aprendi inclusive sobre povos que não encontrei descritos no livro feito pela comunidade e historiadores para a cidade. E me deparei com alguns grupos buscando a história do município, tecendo rede de informações e encontros que geram afetos por pessoas e pela cidade, faz parte do cotidiano desvendar a história e esta faz parte da auto-estima do povo, e de certa forma é desvendar o que está em pontos obscuros como disse o historiador Souza (2008).

O movimento de apropriação do território disparado pela vivência da oficina “Terra é Vida” leva ao encontro com a comunidade e instiga a buscar novos conhecimentos sobre este lugar, seu povo, sua história, sua cultura e seu cotidiano, meu cotidiano conduzindo a uma sensação de pertencimento a este território. A caminhada recém iniciou agora a conversa e as novas amizades fazem parte do dia-a-dia e isto é tão interessante que fomenta a vontade de sair do condomínio e absorver a cidade participando do seu cotidiano desde os festejos comemorativos até a compra do pão diário. A disponibilidade interna de conhecer Viamão permitiu perceber os aspectos bons que muitas vezes se escondem nas caminhadas pelas ruas e bairros, se nos permitimos, vemos além dos olhos, interagimos, conversamos e conhecemos ainda mais. As dificuldades permanecem, os lixos nas paradas de ônibus, as ruas sem asfalto e se sente a falta da água, mas uma nova conduta permite dialogar com a comunidade e se colocar junto para pensar como poderia ser de outra forma o que não está bom. Fico com a impressão que os movimentos na cidade são mais positivos e os encontros estão mais disponíveis do que dentro do condomínio. Nestes dois anos de escutas as mudanças que aconteceram no encontro com o território foram maiores, contribuo com os grupos de minha convivência para conhecer espaços da cidade e trocar conhecimento. Dentro do espaço fechado do condomínio a situação é lenta, a disponibilidade às ações coletivas são restritas, é necessário pinçar com quem se fala e ter cuidado com o que é falado, o medo generalizado está piorando devido à onda de assaltos no verão.

O processo é contínuo, é importante vivenciar.

Referências Bibliográficas:

1. Almeida MC, Oliver FC. Abordagens comunitárias e territoriais em reabilitação de pessoas com deficiências: fundamentos para a Terapia Ocupacional. In: De Carlo MMRP, Bartolotti CC (orgs.) Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas. Ed. Plexus, São Paulo, 2001. p.81-98.
2. Barros, MCM. A colonização açoriana nos Campos de Viamão e a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. In Raízes de Viamão Memória, História e Pertencimento. Barroso, VLM (organização). Porto Alegre: FAPA; EST, 2008. p. 144/145.
3. Barroso, VLM (organização). Raízes de Viamão Memória, História e Pertencimento. Porto Alegre: FAPA; EST, 2008.
4. Bauman, Z. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien, Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003.
5. Bauman, Z. Confiança e medo na Cidade. Tradução Eliana Aguiar, Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.
6. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [acesso em 13/01/2013]; Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>
7. Fortuna C. Cidade e Urbanidade. In Fortuna C. e Leite RP. (orgs.) Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos. Edições Almedina S.A., Coimbra, 2009. p.83-98.
8. Gildo de Freitas. [acesso em 10/01/2013]; Disponível em: <http://gildodefretas.blogspot.com.br/2008/11/biografia-4final.html>
9. Jacques, BP. O Conceito de Rizoma. In Jacques, BP. Estética da ginga. Rio de Janeiro. Casa da Palavra. 3ª Ed. 2003. p.131-148.
10. Menegotti, EH. O direito à educação dos sujeitos com necessidades educacionais especiais no município de Viamão. Trabalho de curso de especialização. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS; 2009. [acesso em 02/07/2012]; Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/33294/000726069.pdf?sequence=1&locale=en>
11. Ojima R, Marandola EJr, Pereira RHM, Silva RB. O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as “cidades-dormitório” no Brasil*. Cad. Metrop., São Paulo, jul/dez 2010;12 (24): 395-415,. [acesso em 20/01/2013]; Disponível em : <http://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/5896/4246>
12. Oro A. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. Estud. afro-asiát. Rio de Janeiro 2002. 24 (2). [acesso em 10/12/2012]; Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200006>
13. Passos E., Kastrup V. e Escóssia L. (orgs). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
14. Passos, MM. “Professora os Guaranis eram índios?” Apontamentos sobre o ensino de história pré-colonial em Viamão –RS. Trabalho de conclusão Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2011. [acesso em 18/01/2013];

Disponível em;

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37132/000819476.pdf?sequence=1>

15. Prefeitura de Viamão. [acesso em 2011 nov 17]. Disponível em:

<http://www.viamao.rs.gov.br/>

16. Rio Grande Energia Gestão Ambiental. [acesso em 10/01/2013]. Disponível em:

http://www.rge-rs.com.br/gestao_ambiental/arborizacao_e_poda/especies_nativas.asp

17. Silva, MCC., Ceccim, RB. Educação do lugar: saúde mental e pedagogias da cidade. 2008 [acesso em 15/03/2012]; Disponível em :

<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/educacaodolugar.pdf>

18. Silveira, LCL. Comunidades remanescentes de Quilombos em Viamão/RS. Revista Identidade. RS, 2011. 16(2): 178-185 [acesso em 20/12/2012]; Disponível em:

<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/241/254>

19. Viamão. Correio Rural. [acesso em 12/01/2013]; Disponível em:

<http://correiorural.com.br/>